



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO PSICOLOGIA**

ANNA KARENYNA GUEDES DE MORAIS LIMA

**“PARECE MORRER”: Sentidos de Trabalho e Aposentadoria para
Professores do Ensino Superior.**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

ANNA KARENYNA GUEDES DE MORAIS LIMA

**“PARECE MORRER”: Sentidos de Trabalho e Aposentadoria para
Professores do Ensino Superior.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura em Psicologia.

Orientador (a): Prof^a Dr^a Thais Augusta Máximo

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732p Lima, Anna Karenyna Guedes de Morais.
"Parece Morrer" [manuscrito] : sentidos de trabalho e aposentadoria para professores do Ensino Superior / Anna Karenyna Guedes de Morais Lima. - 2014.

32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2014.

"Orientação: Thaís Augusta Cunha de Oliveira Máximo, Departamento de Psicologia".

1. Aposentadoria. 2. Atuação profissional. 3. Professores universitários. I. Título.

21. ed. CDD 155.672

“PARECE MORRER”: Sentidos de Trabalho e Aposentadoria para Professores do Ensino Superior.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura em Psicologia.

Aprovada em: 20/02/2014

Thais A. C. de Oliveira Máximo.

Profª Drª Thais Augusta Cunha de Oliveira Máximo / UEPB

Orientadora

Josevânia da Silva

Profª Drª. Josevânia Silva / Unipê

Examinadora

Ana Paula Lima da Silva

Profª Me. Ana Paula Lima da Silva / UEPB

Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por essa conquista, ao qual não conseguiria ter dado nem sequer o primeiro passo se Ele não tivesse ao meu lado.

À minha mestre, orientadora Dr^a Thaís Augusta Máximo, pela dedicação, empenho e por todo o apoio que me foi dado não só durante o desenvolvimento desta atividade, mas durante minha vida acadêmica.

Aos meus pais José Pinheiro de Lima e Carmen Tânia Alves de Moraes, por tudo. Por todas as vezes que acreditaram em mim e me ergueram quando eu já não tinha forças para levantar, por cada palavra de apoio e por me fazerem querer ser melhor a cada dia.

Aos meus irmãos Hallyson Gustavo Guedes de Moraes Lima e Leonardo Henrique Guedes de Moraes Lima, que são para mim um exemplo a ser seguido, por todo amor que me devotam e pelas infinitas coisas que fazem por mim.

Aos meus familiares em geral, por toda dedicação e carinho.

Aos meu colegas de curso, em especial as três pessoas que a psicologia me presenteou e que hoje posso chamar de amigas Jéssika Sonaly, Kalina Ligia e Thereza Batista, as quais sempre dividi angustias, tristezas, choros, mas principalmente alegrias.

Aos meus amigos, em geral, que sempre me apoiaram, em especial gostaria de agradecer a Thayssa Mahara, pois sem ajuda dela e sua mãe (Verônica) eu não estaria onde estou hoje, a Nathalia, Kátia, Suiany que acompanharam todos os dias me apoiando e dando forças para que eu pudesse concluir esse trabalho.

Aos que compõem o departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Paraíba, os quais deixaram em mim suas contribuições das mais variadas formas, em especial Robson de Melo por ter estado presente e sempre disposto a ajudar durante esses cinco anos.

Aos docentes respondentes dessa pesquisa, sem os quais não teria sido possível a conclusão desse trabalho.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que eu chegasse onde estou hoje.

A todos vocês deixo de todo coração o meu, **MUITO OBRIGADA.**

“PARECE MORRER”: Sentidos de “Trabalho” e “Aposentadoria” para Professores do Ensino Superior.

LIMA¹, Anna Karenyna Guedes de Morais

RESUMO

Por meio do trabalho o homem modifica e transforma o mundo, ao mesmo tempo em que se transforma e se humaniza. Diante disto é possível perceber a importância que o trabalho tem na vida do homem, ressaltando-se assim a centralidade do mesmo. A aposentadoria, nesse cenário, coloca-se como um horizonte de receios e de “inatividade”. Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar os sentidos do trabalho e da aposentadoria para professores de ensino superior que já tenham cumprido os requisitos para a aposentadoria. Participaram deste estudo nove professores de uma instituição pública de ensino superior da cidade de Campina Grande, PB, que já tinham cumprido os requisitos para a aposentadoria, mas que ainda continuam exercendo suas funções de docente. Para a coleta de dados foi utilizado como instrumento uma entrevista semi-estruturada e foi analisada através da análise de conteúdo. Com relação aos resultados observou-se que o trabalho tem um sentido de centralidade na vida desses docentes, e quanto à aposentadoria, existe receio para a maior parte dos professores em se aposentar visto que muitos relacionam a aposentadoria à morte e ao esquecimento, e outros ainda a relacionam à inatividade e perdas, o que vem a confirmar o sentido do trabalho em suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Aposentadoria, trabalho, professores universitários.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente a categoria conceitual trabalho tem adquirido novos sentidos e configurações. Contudo, segundo Dejours (2011), ele permanece como sendo central na vida dos sujeitos, se constituindo como via de acesso privilegiada do sujeito à cidadania. Seguindo essa compreensão, Oliveira (2008) afirma que o trabalho é responsável pelo ato de produção e reprodução da vida humana. Ou seja, é a partir do trabalho, em sua cotidianidade, que o homem torna-se ser social, diferenciando-se de todas as formas não humanas.

De tal maneira, o afastamento do trabalho provocado pela aposentadoria talvez seja a perda mais importante da vida social das pessoas, pois ela pode resultar em outras perdas futuras, que tendem a afetar a sua estrutura psicológica. Aposentadoria significa a saída de um trabalho regular e, normalmente, o termo está associado à idade. Entretanto, ser jovem ou velho para o trabalho não diz respeito apenas a uma avaliação da capacidade física, mental ou psicológica para o trabalho, mas também vai depender dos contextos demográfico, histórico, sociocultural, econômico e político nos quais o trabalhador está inserido. Muitos se aposentam bem jovens e outros falecem antes de se aposentarem. Alguns idosos têm a possibilidade da livre escolha, outros não tem escolha, pois precisam se aposentar

¹ Anna Karenyna Guedes de Morais Lima, graduanda em Psicologia – UEPB. annakgmlima@yahoo.com.br

compulsoriamente, e muitos temem este momento e suas conseqüências no futuro (FRANÇA, 1999).

França (1999) ainda afirma que existem pessoas que constroem toda a sua identidade vinculada apenas a uma área de interesse: o trabalho. Estas pessoas podem estar, sem querer, construindo uma aposentadoria difícil. A definição de si próprias e a forma como se apresentam a alguém ocorrem invariavelmente em função do trabalho.

O aposentado é mencionado em dados estatísticos e registros formais como percentual “inativo”. Em outras palavras, à aposentadoria são associados o ócio e a inutilidade. O aposentado se sente rejeitado, sem planos para o futuro. Por esse motivo, a grande maioria das pessoas não aceita a aposentadoria. Muitos não pensam sobre o assunto e quando acontece vivem momentos de inquietação e crise (ROMANINI et al., 2005). A fase de aposentadoria é um momento de novas adaptações para o sujeito e por não se acostumar a esse novo modo de vida muitas pessoas não aceitam e não querem viver esse momento, pois, para o ser humano é importante se sentir útil e a aposentadoria, no imaginário, tem um sentido contrario.

Considerando então a centralidade que o trabalho ocupa na vida das pessoas, bem como na constituição de sua identidade e cidadania, observa-se ainda a importância do trabalho no que se refere às relações sociais. O trabalho, então, é uma “atividade dirigida” pelo sujeito, para o objeto e para a atividade dos outros, cabendo ao trabalhador ultrapassar as contradições existentes no interior dessas três dimensões de determinação, bem como entre elas, redefinindo as prescrições e apropriando-se de outros instrumentos (CLOT, 2006).

Para Clot (2001), são as relações entre atividade e subjetividade que estão no centro da análise. O trabalho é visto não somente como trabalho psíquico, mas como uma atividade concreta e irreduzível. Melhor dizendo, a atividade é, para os sujeitos, “o continente escondido da subjetividade no trabalho”. (Não paginado).

Gernet e Dejours (2011) alegam que o envolvimento no trabalho pode ser um mediador insubstituível na estabilização e na ampliação da identidade dos sujeitos. No entanto, o investimento apaixonado no trabalho, do qual depende o desenvolvimento de habilidades e do saber-fazer, pode igualmente levar a colocar em perigo a identidade.

De maneira geral, as clínicas do trabalho buscam evidenciar a relação entre o trabalho e os processos da subjetivação, permitindo que o indivíduo tome consciência de suas vivências na sua relação com o trabalho, visando mudar a realidade. A Clínica da Atividade, especificamente, considera o trabalho como uma atividade permanente de recriação de novas formas de viver. Nesse sentido, a mesma foi utilizada como alicerce teórico tendo em vista o

interesse deste estudo em aprofundar-se nessa temática atual e abordada nos dias de hoje, que é a aposentadoria. Para atender aos objetivos, foi necessário, outrossim, lançar mão de outras ferramentas conceituais das clinicas do trabalho visto que elas propiciaram um melhor entendimento acerca de algumas das questões que emergiram nos resultados da pesquisa.

A relação entre a tarefa organizadora prescrita e a atividade efetiva e concreta do trabalho, ou seja, a relação entre trabalho prescrito e atividade real, e trabalho realizado e real da atividade é uma temática abordada pela Clínica da Atividade. Todos esses estudos vistos numa perspectiva interacionista vygotskyana, vêem o trabalhador como sujeito da atividade, um ser que, em constante interação, vivencia conflitos dele com ele mesmo, das atividades possíveis com as impossíveis, dele com a tarefa que lhe é prescrita, dele com os artefatos, dele com os outros (CARVALHO, [200-]).

Este estudo justifica-se na medida em que a parcela de idosos na população brasileira mais que dobrou em 40 anos. Em 1970, a população acima de 60 anos representava 5,12% do total da população brasileira. Já no ano de 2000, esse índice passou para 8,56% da população. De acordo com o Censo, em 2010, 20.590.559 pessoas possuíam idade acima de 60 anos (IBGE², 2010). A quantidade de pessoas com mais de 60 anos que está no mercado de trabalho também cresceu dos anos de 2000 até 2010, aumentando em 65%. Esse número apresentou um crescimento significativo de 3,3 milhões para 5,4 milhões de pessoas com mais de 60 anos (IBGE, 2010).

Segundo os dados do Censo (IBGE, 2000) muitos dos idosos sustentam suas famílias, e mais de 50% dos aposentados que recebem salário mínimo representam a única renda garantida da família (PAZ, 2002). Nesse sentido, observa-se que esta parcela da população tem ampliado a sua visibilidade e importância em termos sociais, econômicos e produtivos. Entender o porquê dessa permanência no mercado de trabalho mesmo após o período regulamentar exigido para a aposentadoria, ou por idade ou por tempo de serviço, é de grande relevância, pois, a terceira idade da contemporaneidade mostra-se diferenciada.

Como já foi exposto anteriormente com os dados do IBGE, surge uma nova configuração de idosos, mais ativa economicamente. Com essa nova configuração surge a necessidade de estudos voltados para a compreensão da mesma, a fim de entender os sentimentos e as vivências subjetivas dos sujeitos voltados para o trabalho.

Tendo em vista essas novas configurações assumidas pelos idosos no mercado de trabalho, que fazem com que estes prolonguem seu tempo de trabalho regular ou retornem ao

²IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

mercado formal após a aposentadoria, observa-se que um aprofundamento sobre as relações entre a terceira idade e a aposentadoria constitui-se como de extrema relevância acadêmica e social, especialmente, para Psicologia do Trabalho. Esta, ao debruçar-se sobre o estudo do trabalho humano em todos os seus significados e manifestações, não pode se eximir da compreensão desse fenômeno.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo geral analisar os sentidos do trabalho e da aposentadoria para professores de ensino superior que já tenham cumprido os requisitos para a aposentadoria. E como objetivos específicos: conhecer a trajetória profissional desses trabalhadores; identificar as expectativas desses profissionais em relação à aposentadoria; analisar a função psicológica do trabalho para esses docentes; e os motivos para permanência no trabalho.

Para que haja uma melhor compreensão dos significados presentes na aposentadoria, faremos neste artigo uma abordagem em torno das temáticas relacionadas ao nosso objeto de estudo: terceira idade, trabalho e a aposentadoria.

2. ENVELHECIMENTO E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES.

É na terceira idade que muitos vivem a realidade da aposentadoria, ou pelos menos têm o direito de usufruir desse status. Como já fora discutido na introdução deste artigo, as questões relativas à terceira idade e aposentadoria têm passado por transformações nos últimos anos. Sujeitos vistos por muito tempo como “velhinhos” indefesos e incapazes, vêm assumindo novos lugares sociais e têm permanecido “na ativa” por muito mais tempo. Por isso a necessidade de refletir acerca da construção histórico-social da terceira idade.

Segundo Almeida (2007), as pessoas acima de 60 anos, são classificadas didaticamente como idosas e fazem parte da Terceira Idade. O autor afirma também que a idade pode ser biológica, psicológica ou sociológica à medida que se enfoca o envelhecimento em diferentes proporções das várias capacidades dos indivíduos. Na década de 1960, apenas 5% da população tinham mais que 60 anos. As previsões, segundo o IBGE (2011), para 2020 são de que 13% da população esteja situada nessa faixa etária, problematizando o envelhecer muito mais em torno do funcionamento da sociedade na qual está inserida do que no volume da mesma.

O IBGE aponta que em 2011 a expectativa de vida do brasileiro cresceu 0,31 anos (3 meses e 22 dias) passando de 73 anos e 277 dias em 2010, para 74 anos e 29 dias em 2011; e de 3,65 anos (3 anos, 7 meses e 24 dias) sobre o indicador de 2000, passando a ser 74 anos e

182 dias. O aumento da expectativa de vida foi maior entre os homens, cujo índice aumentou 3,8 anos ante os 3,4 para as mulheres. Apesar do crescimento, a população feminina ainda vive mais (70,7 anos, contra 70,6 anos da população masculina). Segundo esse mesmo instituto, na região Nordeste a expectativa de vida é de 70,4 anos sendo 66,9 anos para os homens e 74,1 para mulheres e no estado da Paraíba essa expectativa é de 69,8 anos correspondendo ao sexo masculino 66,3 anos e 73,3 para as mulheres. Diante do aumento da expectativa de vida da população brasileira, a cada dia surgem mais pesquisas e estudos voltados para a terceira idade.

Para fins deste artigo, parte-se da concepção de terceira idade segundo o estatuto do idoso no artigo 1º, como a população de 60 anos ou mais a partir dos critérios adotados pelo censo demográfico. Em decorrência disso, preocupações com o bem estar e a qualidade de vida dos mesmos chamam atenção dos pesquisadores.

O significado da velhice foi construído através do tempo, de crenças e estereótipos. A partir do que se pode observar nos estudos acerca da terceira idade (JÚNIOR, MERGULHÃO, CANÊO et al., 2009; VANZELLA, NETO e SILVA, 2011) identificou-se que emerge uma nova concepção sobre desses cidadãos. As transformações em torno da concepção de terceira idade trouxeram a necessidade de compreender as novas relações que se estabelecem entre os sujeitos dessa faixa etária e o trabalho.

De acordo com dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios), realizada pelo IBGE em 2001, do total dos chefes de famílias brasileiras, 5,88% eram de pessoas com 60 anos ou mais. Em 2009, os idosos responsáveis pelo orçamento familiar já representavam 7,33%. Na cidade de Campina grande, onde foi realizada esta pesquisa, de acordo com o censo 2010, a população de idosos chega a aproximadamente 11,1%, ou seja, 42.373 habitantes (IBGE, 2010).

Na sociedade capitalista em que vivemos, o trabalho faz parte da vida dos indivíduos, tornando-se central. Assim, a perda do trabalho – pela vida da aposentadoria – representa a exclusão do sujeito do mundo produtivo e implica a reestruturação espacial e temporal de sua vida. Ao se aposentar, o sujeito deve elaborar o luto pela perda da identidade profissional, da fonte de reconhecimento e aceitação. Por isso, a exclusão do idoso do meio produtivo, em geral, associa-se a diversos sentimentos negativos (depressão e desvalorização), podendo tornar este momento desencadeador de sofrimento (LEÓN, 2000; SANTOS, 1990 apud JÚNIOR et al., 2009).

Dias e Freire (2002) destacam que idosos que se encontram com desejo de trabalhar e sejam aptos a tal não deveriam ser desprezados pelas possibilidades de inserção do trabalho,

mas sim valorizados, dado que estes apresentam grandes experiências em certas atividades, uma grande inteligência e conhecimento sociais, grandes relações, entre outros fatores que podem vir a contribuir para o crescimento do local que ele estaria trabalhando.

A aposentadoria, então, pode ser vista como uma transição que envolve a expansão, redefinição e mudança nos papéis. As atividades que dependem do contato com colegas de trabalho e as envolvidas na execução de funções de trabalho tendem a diminuir. Sendo assim, os papéis sociais cuja manutenção dependem dessa interação, e os papéis profissionais, que realizam partes importantes do *self*, serão fortemente atingidos (MAGALHÃES, 2004). Segundo Rodrigues, Ayabe, Lunardelli et al.(2005) a aposentadoria, como qualquer situação de mudança, pode ser um evento desencadeador de ansiedade e ameaçador do equilíbrio psicológico da pessoa.

Para Rodrigues et. al (2005), a aposentadoria é uma fase que provoca mudanças e pode gerar ansiedades no indivíduo, considerando-se sua história na relação com o grupo social ao qual pertence. Sua identidade, como pessoa e como ser social, pode ficar ameaçada. É, ainda, um período de enfrentamento de outra questão: a de ser considerado velho. Em resumo é uma fase de muitas transformações sociais que afetam diretamente o psicológico.

Romanini, Xavier e Kovalski (2005) afirmam que os problemas psicológicos decorrentes da aposentadoria acontecem devido à ligação existente entre trabalho e reconhecimento. Com o fim da vida profissional, muitos outros fatores acabam por extinguir-se como a vida social, o reconhecimento da sociedade, a referência na profissão, os compromissos, os horários, o ser “útil”. Esse reconhecimento ocasionado pela sociedade exerce uma forte influência sobre o homem.

A aposentadoria pode representar além do comprometimento físico, perdas materiais, psicológicas, e sociais, como a queda dos rendimentos financeiros, desligamento dos colegas de trabalho, perda do status social que o trabalho proporcionava, entre outros, o que pode incidir na diminuição da auto-estima e da motivação, ocasionando adoecimento mental que se reflete em crises depressivas, ansiedade, alcoolismo e até mesmo no suicídio (RODRIGUES et al., 2005).

Aposentadoria e velhice estão ligadas e muitos consideram o mesmo fenômeno. O IBGE (2007) constatou que quase 20% dos idosos aposentados no Brasil trabalham. Entre os principais motivos estão à necessidade de uma remuneração extra ou a vontade de permanecer ativo.

O clima de insegurança quanto ao que fazer após uma “interrupção” de sua rotina, chamada de aposentadoria, pode gerar situações preocupantes que vão interferir na imagem

do trabalhador, incluindo nessa categoria o professor, provocando novos medos de uma mudança em que ele não gosta de pensar. Mais do que em qualquer outra profissão, os últimos anos de exercício da docência surgem como um desafio em que uma etapa está sendo concluída, surgindo isto como uma prova para avaliar a capacidade de desvinculação das responsabilidades e do ambiente onde as atividades eram desenvolvidas (HOPF, 2002).

3. CLÍNICA DA ATIVIDADE

Com o intuito de fundamentar esta pesquisa, especialmente no que se refere às questões relativas aos sentidos do trabalho, às relações entre atividade e subjetividade e à função psicológica do trabalho na vida das pessoas, a abordagem da Clínica da Atividade foi escolhida tendo em vista o fato desta se mostrar interessada em analisar essas questões.

A partir de 1990 desenvolve-se na França uma corrente da Psicologia do Trabalho denominada por seus autores de Clínica da Atividade. Esta se caracteriza por definir a atividade de trabalho como fonte permanente da recriação de novas formas de viver (SILVA, BARROS, LOUZADA, 2011).

Clot (2010) afirma que a atividade é uma provação subjetiva através qual o indivíduo avalia a si próprio e aos outros para ter a oportunidade de vir a realizar o que deve ser feito, ou seja, é a partir dessa observação e dessa avaliação que o indivíduo constrói sua subjetividade nas atividades que precisam ser executadas. Cada um se vê por meio de suas próprias atividades no interior da divisão do trabalho simultaneamente como sujeito e como objeto dessa conservação e dessa invenção (ANJOS; MAGRO, 2008).

Santos (2006) compreende que a abordagem da Clínica da Atividade preconizada procura compreender a dinâmica de ação dos sujeitos (Clot et al., 2001). Mas como a atividade dos sujeitos é uma atividade triplamente dirigida, em direção a si próprio, ao objeto de trabalho e aos outros, a realização de uma co-análise sobre o desenvolvimento dos sujeitos, do coletivo e da situação é facilitada se for feita a partir de coletivos de trabalho.

Uma análise feita por Lima (2006), sobre a função psicológica do trabalho, afirma que este é de extrema importância para o homem e merece um lugar diferenciado entre as diversas atividades exercidas por ele, pois, além de preencher uma função psicológica específica, na medida em que causa uma quebra entre as “pré-ocupações” pessoais do sujeito e as “ocupações” sociais que este deve realizar, trata-se também de uma atividade que requer a capacidade de realizar coisas úteis, de estabelecer e manter engajamentos, de prever com outros e para outros, algo que não tem diretamente vínculo consigo.

A autora ainda afirma que:

O trabalho seria, em suma, “(...) um dos maiores gêneros da vida social em seu conjunto, um gênero de situação do qual uma sociedade dificilmente pode abstrair-se sem comprometer sua perenidade; e do qual um sujeito pode dificilmente afastar-se sem perder o sentimento de utilidade social a ele vinculado (...)”. Ou seja, a função psicológica do trabalho residiria, sobretudo, no patrimônio “que ele fixa e na atividade (conjunta e dividida) exigida pela conservação e renovação desse patrimônio”. Estamos falando, portanto, de uma função vital, pois trata-se de uma atividade que é, simultaneamente, de conservação e de transmissão, envolvendo um duplo processo, de invenção e de renovação, no qual cada um se vê como sujeito e objeto. (LIMA, 2006, p.113).

Para Clot (2006), o trabalho é uma atividade na qual requer a capacidade de realizar coisas úteis, voltadas para si ou para os outros, mas partindo de si, ou seja, é a capacidade de dirigir uma atividade para si mesmo ou para o outro, sendo desenvolvida pelo próprio indivíduo. O trabalho seria então algo que o indivíduo dificilmente poderia afastar-se sem causar nenhum prejuízo ao sentimento de utilidade social que a ele é vinculado. O autor ainda afirma que a função psicológica do trabalho, é uma função vital, pois trata-se de uma atividade que é ao mesmo tempo de conservação e de transmissão, e nisso ocorre o processo de invenção e de renovação de cada pessoa, se vendo como sujeito e como objeto da atividade.

A ênfase da Clínica da Atividade está na busca de instrumentos que viabilizem a compreensão da situação de trabalho real para aumentar o poder de agir sobre o mundo e sobre si mesmo, coletivamente e individualmente (CLOT, 2011). Poder esse que está presente tanto na atividade real, que é aquilo que se faz, como no real da atividade, sendo também aquilo que não se faz, o que se tenta fazer sem ser bem-sucedido, o que é pensado, desejado. E essa atividade que é ocultada não deixa de estar presente na atividade, pesando para a pessoa que desenvolve essa atividade.

A amputação do poder de agir gera sofrimento. Clot (2010) afirma que, longe de ser um dado natural, a saúde é um poder de ação sobre si e sobre o mundo, adquirido junto dos outros. Para Clot (2006), as preocupações do trabalhador, as da ordem do desejo, da prescrição e das condições de trabalho, devem ser levantadas, pois, quando não conciliadas, podem trazer conflitos para o trabalhador.

A partir das análises feitas pela Clínica da Atividade referente às questões relativas aos sentidos do trabalho, às relações entre atividade e subjetividade e à função psicológica do trabalho na vida das pessoas, essa teoria traz subsídios necessários para uma análise dos

sentidos do trabalho e da aposentadoria para professores de ensino superior que já tenham cumprido os requisitos para a aposentadoria.

4. MÉTODO

4.1 Participantes

Participaram deste estudo nove sujeitos, sendo eles docentes de uma instituição pública de ensino superior da cidade de Campina Grande, que já cumpriram o tempo regulamentar para a aposentadoria (por idade, por tempo de serviço ou por contribuição) e mesmo assim continuam a trabalhar e docentes que se encontram que estão em vias de se aposentar, faltando entre um e dois anos para o possível afastamento.

4.2 Instrumentos

Com o intuito de compreender os sentidos do trabalho e da aposentadoria, foi elaborado um roteiro de entrevista individual semi-estruturado. A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo (FRASER; GONDIM, 2004).

A entrevista versou sobre as seguintes temáticas: Sentido do trabalho e da aposentadoria, a trajetória da profissão de docente, as funções psicológicas do trabalho e as expectativas em relação à aposentadoria.

4.3 Procedimentos

Em primeiro lugar, tendo em vista a importância da observação de todos os preceitos éticos para este estudo, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética (CEP), da Universidade Estadual da Paraíba, cumprindo todas as exigências determinadas pela Resolução N° 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que versa sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e sendo aprovado com o protocolo de número 0055/2013.

Após a autorização do Comitê de Ética, a pesquisa se deu pela coleta dos dados referentes ao quantitativo de professores da instituição que atendem aos critérios estabelecidos para a pesquisa. Esse levantamento seria feito junto ao RH da instituição pública de ensino superior, setor responsável pelo armazenamento de dados dos profissionais.

A pesquisadora foi em busca de formas de se ter acesso aos participantes da pesquisa. Como na instituição, não havia informações sobre os profissionais que estavam prestes a se aposentar, optou-se pelo método bola de neve. Partiu-se de uma indicação e assim foi-se avançando até atingir o nível de saturação. Todas as entrevistas foram marcadas e realizadas individualmente com duração variando entre 20 min. até 1h e 20 min. Essas entrevistas foram realizadas na instituição e gravadas a partir da assinatura do termo de consentimento do participante.

4.4 Análise de dados

Os dados obtidos nas entrevistas foram trabalhados através de uma análise de conteúdo de Laville e Dionne. Os autores dividem em três etapas o processo de análise de conteúdo: a etapa do recorte dos conteúdos, a definição das categorias analíticas e a categorização final das unidades de análise.

Na etapa do recorte de conteúdo, a análise dos conteúdos coletados e organizados passa primeiramente pela etapa do recorte, na qual os relatos são decompostos para em seguida serem recompostos para melhor expressar sua significação. Na definição das categorias analíticas os elementos de conteúdo agrupados por parentesco de sentido irão se organizar sob as devidas categorias analíticas. Categorização final se refere a uma análise de reconsideração da alocação dos conteúdos e sua categorização a partir de um processo iterativo característico do modelo circular da pesquisa qualitativa (LAVILLE; 1999).

Para preservar o sigilo dos participantes dos mesmos serão identificados neste artigo por uma sigla onde o E se refere à palavra Entrevistado e o número à ordem em que este participou da pesquisa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse artigo buscamos analisar o sentido do trabalho e da aposentadoria para docentes do ensino superior. Por meio das falas dos trabalhadores, emergiram as seguintes categorias: Trajetória profissional; Atividade de trabalho; Trabalho, aposentadoria e Subjetividade.

5.1 Caracterização da amostra

Participaram deste estudo nove professores de uma instituição pública de ensino superior de Campina Grande, sendo oito mulheres e um homem, com idades compreendidas entre os 54 anos e os 60 anos. Eles faziam parte de quatro departamentos, distribuídos da seguinte maneira: um entrevistado do departamento de Pedagogia, um do departamento de Ciências Biológicas, três entrevistados do departamento de Fisioterapia e quatro entrevistados do departamento de Psicologia. Quanto à formação acadêmica, seis possuem doutorado e três cursaram especialização. No que se refere ao regime de trabalho, oito atuam em Regime de dedicação Exclusiva (RETIDE), não tendo nenhum outro trabalho atualmente.

O tempo de profissão variou de 30 anos a 35 anos e quanto ao tempo na instituição varia de 25 anos a 34 anos. A média salarial desses professores está entre 6.000 reais até 15.000 mil reais. Apenas três dos respondentes são os únicos responsáveis pelo sustento da família, os demais dividem a renda com seus conjugues e dependem dessa renda de dois até cinco pessoas.

5.2 Trajetória Profissional

Dentro desta categoria emergiram quatro subcategorias: O período anterior à docência; escolha pela docência; ingresso na instituição e carreira na universidade. Nesse sentido, entender a trajetória profissional, pode ser uma maneira de entender o lugar que o trabalho ocupou e ocupa na vida dos sujeitos.

Na subcategoria período anterior à docência, pode-se observar que os profissionais da área de saúde atuaram dentro de suas áreas profissionais, como psicólogos e fisioterapeutas. Isto é, antes de eles se tornarem professores, a maioria exerceu a profissão no mercado de trabalho, como se pode observar na fala descrita pelo entrevistado 2: “Eu trabalhei em escolas, trabalhei como psicóloga, tanto em escola pública quanto em escola privada.”.

Por outro lado, alguns dos participantes declararam que sempre atuaram na docência, não tendo outro tipo de atuação profissional, como se vê no trecho da entrevista do entrevistado 1 e do entrevistado 9: “Sempre fui professora.”

Com relação à escolha pela docência, observou-se de maneira geral que os participantes ressaltaram que tudo ocorreu como um processo natural, como pode ser observado na fala do entrevistado 1 a seguir: “Isso foi desencadeando esse processo pelo próprio transcorrer do curso né, que é pra formação de professores.”.

Esse processo da escolha profissional está muito ligado também ao momento histórico vivido pelos indivíduos, o que pode ou não possibilitar escolha por outras atuações,

não estando relacionadas apenas as características pessoais, mas também as possibilidades e ao contexto histórico que esses indivíduos estejam vivendo.

Por isso, há também aqueles que identificaram a oportunidade do ingresso em uma carreira estável pela ausência de emprego no mercado de trabalho. Nesse sentido, a docência não se apresentava como um projeto inicialmente, mas foi se consolidando enquanto carreira na medida em que as oportunidades foram surgindo.

Foi a vida, foi... Não era um projeto, certo? Só que aí foi surgindo. (E.3)

Acrescido a essas oportunidades, alguns ressaltam que já havia a identificação com a profissão, o que os levou a seguir a carreira.

Eu desde pequenininha queria ser professora, então foi uma coisa que foi sendo construída pelo meu desejo e pela minha realização, então quando eu comecei a dar aula eu vi que realmente era aquilo que eu queria. (E.2).

Por outro lado, uma das entrevistadas destaca que até os dias atuais, ainda não se encontra satisfeita pela escolha da carreira acadêmica.

Na verdade eu nunca pensei em ser docente, até hoje não sei nem porque que eu estou aqui, não é minha praia ... Foi a vida, foi... Não era um projeto, certo? Só que aí foi surgindo. (E.4).

Corroborando os dados trazidos acima, outros estudos (FOLLE; NASCIMENTO, 2008; MELLO; VALLE, 2012) revelam que a opção pela profissão de docente tem sido uma decisão na qual é seguida por diversos motivos pessoais, relativos ao indivíduo e ao contexto histórico, as experiências e as expectativas, sendo influenciado também por fatores de ordem econômica, política e social.

Um aspecto a ser considerado é o modo pelo qual a profissão docente foi escolhida, como já foi relatado acima, a maior parte dos docentes não tinha a docência como escolha profissional, foi uma questão de oportunidade, era uma entrada na vida profissional.

[...] então a primeira coisa que surgiu foi isso... (E.3).

Eu nunca pensei em me tornar docente – minha determinação era terminar o curso e trabalhar, o meu sonho era trabalhar, eu gostaria de trabalhar... (E.5).

Valle (2006) afirma que essas escolhas profissionais podem ser causadas pelo fato de não ser possível concretizar outro futuro profissional almejado pelo homem, o que vem a reforçar a opção de alguns professores nos quais optaram pela docência por falta de oportunidade em seus mercados de trabalho, vindo futuramente a se identificar com a profissão ou não.

Com relação ao ingresso na Instituição, observou-se que na época que esses professores ingressaram na instituição, ainda não existia concurso público, então os mesmos entraram de formas distintas, ocorrendo por meio de uma seleção simplificada, convite do reitor ou indicação de outro professor, como se pode observar nas falas a seguir:

Naquela época não tinha nem concurso publico, era seleção, eu to falando de 83, seleção de currículo e aula. (E.8).

[...] não me submeti a concurso eu fui contratado diretamente pelo reitor. (E.7).

Foi através de uma indicação da professora na disciplina que eu ministro que estava precisando de professor, porque nessa época não tinha concurso. (E.6).

No tocante à carreira, é interessante observar que nenhum desses professores, durante sua vida acadêmica, exerceu apenas o cargo de professor, todos eles assumiram algumas outras funções dentro de seus departamentos e até mesmo dentro dos seus centros. Interessante também ressaltar que alguns desses professores ingressaram apenas com graduação ou especialização e paralelamente com seu trabalho de docente buscaram ampliar sua formação acadêmica, seguindo para: especializações, mestrado e doutorado.

Eu fui coordenadora deixei a coordenação, depois de dois anos voltei à coordenação, fui pró-reitora de assuntos estudantes, mas sempre associado à atividade docente, eu nunca deixei, assumi a pró-reitoria de assuntos estudantes por um período... Ai fiz mestrado na uepb, ai quando eu terminei o mestrado voltei a dar aula e assumi a direção de centro e nessa época também tinha disciplinas eu não deixei, ai quando terminei a direção de centro voltei para o curso e depois de 5 anos fui fazer doutorado, agora voltei to com disciplina, to na coordenação e ai a gente começa trabalho de pesquisa, extensão e agora novamente to envolvida com o processo de reforma curricular. (E1).

Assim eu já participei de todos os cargos, só não participei de Reitoria e pró-reitoria, mas todos os outros cargos de chefe, direção, coordenação, sub-coordenação, tudo. (E.6).

Um aspecto a ser considerado na categoria “trajetória profissional” é que, mesmo essa sendo a profissão docente desejada por eles, após o ingresso na profissão, se identificaram com a mesma, esforçando-se e empenhando-se no cumprimento de suas funções.

Eu queria ser fisioterapeuta, ter meu consultório, ter minha clínica, tá entendendo? É a visão que a gente tinha naquela época. Mas eu abracei a docência e a docência me abraçou, então foi uma boa parceria... (E.3).

Ao longo da trajetória fui desenvolvendo muitas expectativas, quando mais eu me envolvia, quanto mais eu gostava da profissão mais expectativa eu tinha, como até hoje eu tenho, apesar de estar com 30 anos de trabalho. (E.8).

Segundo Dejours (1987), “executar uma tarefa sem investimento material ou afetivo exige a produção de esforço e de vontade, em outras circunstâncias suportadas pelo jogo da motivação e do desejo”. Esse investimento de material e afeto depende muito das relações que se tem dentro do campo de trabalho. Então se pode concluir que esses docentes mesmo não desejando essa profissão, se identificaram com essa carreira.

5.3 Atividade de trabalho

Dentro da atividade de trabalho analisamos as seguintes subcategorias: funções enquanto docentes, imprevistos e condição de trabalho.

Foi possível observar nas falas dos participantes que nenhum dos docentes considera sua função apenas dar aula, sendo esta diretamente relacionada à pesquisa e orientação de seus alunos em trabalhos de conclusão de curso, pesquisa e extensão. O entrevistado 3 afirma: “Eu... Dou aula, eu oriento trabalhos de conclusão de curso, eu tenho projeto de extensão, eu sou do estágio supervisionado e eu coordeno a clínica escola.”

Ao serem questionados sobre suas atividades, eles se detiveram explicitamente à dimensão da atividade real. Isto é, descreveram suas tarefas corriqueiras já mencionadas acima. Nas análises, contudo, foi possível identificar que para dar conta dessas tarefas diárias, é necessária uma mobilização subjetiva intensa, que está envolvida na dimensão do real da atividade, conforme Clot (2010) ressalta que a atividade é também o que não se faz o que é pensado, planejado, a atividade vai além do que se consegue ser executada ela está no pensamento do que fazer, na preparação, na tentativa de execução mesmo que não venha a ser concluída.

O entrevistado 1 afirma que: “tem que desmistificar essa visão que as alunas têm de criança, do papel social delas como educadora, então nesse planejamento de textos, compreensão, leitura nesse momento.”

A partir da tal fala podemos observar o real da atividade presente no papel do docente, pois, esse planejamento trata-se do que se é pensado, produzido e esquematizado para que a atividade possa ser colocada em prática. Nesse sentido, observa-se que a tarefa do professor, que seria dar aula, não se reduz simplesmente ao ato de entrar em sala de aula e lecionar. Nessa situação específica, a professora afirma sua preocupação em contribuir para uma formação transformadora em suas alunas.

Outro ponto importante é a mobilização dos professores ante as suas atividades. Isso porque, conforme afirma Clot (2006), toda atividade é dirigida. Nesse sentido, o principal destinatário da atividade do professor é o aluno. E por isso ele precisa se desdobrar para

preparar aulas diferenciadas de acordo com os contextos que se lhe apresentam, assim como afirma o entrevistado 5 sobre suas funções: “Dar aula, orientar TCC, sempre procurei fazer, dar dinâmica diferentes em sala de aula, sempre gostei.”.

Jamais se trabalha totalmente sozinho, mesmo quando se tem essa impressão, porque os outros estão lá através da preparação do trabalho, da prescrição, da avaliação (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007). A maneira como eles escolhem orientar as atividades voltada para os outros demonstra o quanto dos outros existe na intimidade de suas escolhas e demonstrando que as escolhas geram uma relação entre eles e o que eles vivenciam.

Apesar de os entrevistados relatarem de maneira geral que não há imprevistos, foi possível identificar nas falas algumas infidelidades do meio que fazem com que o trabalhador seja solicitado o tempo inteiro a se reinventar, onde vemos novamente a dimensão do real da atividade, “com a realidade teórica que passa pra elas e com a realidade social bem diferenciada...” como afirma a entrevistado 1. Apesar do cronograma apertado a seguir, os professores precisam reinventar suas formas de passar as informações e conteúdos, visto que o meio por ser sempre infiel, todo dia lança novos desafios para serem enfrentados. Além disso, há o desafio de conciliar a teoria passada por meio de textos e em sala de aula com a realidade que se apresentará aos estudantes.

Nem todo dia tal como referia Nietzsche existem coisas novas para você ensinar para o aluno e isso pode torna-se por um lado uma coisa maçante, por outro lado é preciso que você também perceba que nem todos os dias os alunos estão interessados em receber aquilo que vocês lhes leva quer seja um repertório antigo, quer seja um novo repertório. (E.6).

Segundo Schwartz e Durrive (2007) o meio é sempre mais ou menos infiel, nunca se sabe onde ou em que proporção. Ele jamais se repete de um dia para outro, ou até mesmo de uma situação para a outra e essa infidelidade faz com que seja necessário o emprego do “uso de si”, ou seja, o uso de suas próprias capacidades, de seus próprios recursos e de suas próprias escolhas para que essa infidelidade possa ser gerida e para que possa ser tomada alguma atitude.

De acordo com Leda (2006), o docente vem sendo muito afetado pelo ritmo acelerado das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, o que inclui o aumento de exigências em relação à sua qualificação e competência, assim como a flexibilização de suas atividades com o decorrente incremento do número de tarefas a serem realizadas. Os sentimentos expressos, a percepção das próprias fraquezas e as necessidades do cotidiano são aspectos muito

importantes, que criam a necessidade de compreensão mais aprofundada do trabalho docente (HOLF, 2002).

Para os entrevistados ser professor vai além das aulas, é uma troca de conhecimentos, é crescer junto com seus alunos, é ser orientador para passos futuros.

É ser a pessoa que pode repassar seus conhecimentos para os alunos, como também eu acredito que é a gente receber dos alunos conhecimentos, pois eles têm capacidade de nos passar muitos conhecimentos bons e novos, eu acho que é uma troca, para mim é uma troca de idéias. (E.6).

Diria que é um misto de um ser varias coisas ao mesmo tempo, cada uma no seu devido tempo e devido lugar, eu diria que ser professor às vezes significa ser pai, outras tantas vezes significa ser irmão, outras tantas vezes significa ser senhor de posse da chibata, outras tantas vezes, possibilita também ser uma pessoa com a qual eventualmente você possa dialogar. (E.7).

É a partir dessa sensação de ser útil e dessa troca de saberes que vai sendo dado sentido à vida do homem, pois, o resto de suas atividades como o lazer, por exemplo, dependerá do seu tempo livre do trabalho. Ser professor vai além do imaginário.

As condições de trabalho são de grande importância para que o trabalhador possa produzir com qualidade. Dejourns (1987) apresenta que é a organização do trabalho a responsável pelas consequências positivas ou negativas para o desenvolvimento e funcionamento psíquico do trabalho, afirmando que podem ocorrer vivências de prazer e/ou sofrimento no trabalho.

Clot (2006) afirma que todas as condições do desenvolver do trabalho e as condições do trabalhador, tem que está harmonizada, pois, se não, pode trazer conflitos para o trabalhador. Clot (2010) ainda confirma que a saúde é dada a partir do poder de agir sobre si e sobre o mundo, adquirido a partir dos outros. A amputação do poder de agir gera sofrimento.

Se a gente tivesse uma estrutura melhor, (...) uma estrutura melhor pra trabalhar, para investir em pesquisa, que eu gosto muito de pesquisa isso é uma situação limitadora, de fato é. (E.6)

Dejourns (1987) ainda afirma que certas condições podem resultar em sofrimento o que pode ser atribuído ao confronto entre uma historia individual que é carregada de projetos, desejos e esperanças e dos desejos particulares da organização que ignora os desejos dos trabalhadores.

Outro aspecto que emergiu foi à questão da cobrança de que se dê aulas em excesso, o que termina por dificultar o bom desempenho do professor em outras esferas da carreira,

tais como a publicação e o investimento em pesquisa e extensão, como afirma o entrevistado 8: “[...] acho assim que a carga de sala de aula é alta.”.

Segundo Dejours (2008) a importância do trabalho intelectual e dos processos cognitivos envolvidos na atividade desestabiliza profundamente a equação entre o trabalho como esforço e o tempo de trabalho, uma vez que a carga física é agora acompanhada de uma carga psíquica. Nesse sentido, o essencial que se busca avaliar escapa à observação direta. E para acessá-lo, é preciso penetrar a vivência do sujeito que trabalha. Isso significa que o trabalho do professor implica em muito mais esforço além do que o dispendido para estar em sala de aula, fazendo com que, muitas vezes, tenha que levar trabalho para casa, o que o deixa sobrecarregado e o impede de desenvolver adequadamente outras tarefas.

5.4 Trabalho, Aposentadoria e Subjetividade

Dentro desta categoria emergiram as seguintes subcategorias: sentido do trabalho e da aposentadoria na vida desses docentes, os motivos da permanência no trabalho e as expectativas para a aposentadoria.

Para conhecer o sentido que os trabalhadores dão às atividades que realizam, Viana (2008), diz que é preciso considerar a relação que eles mantêm com as tarefas que realizam e com a organização do trabalho. Informações sobre suas histórias de vida e subjetividades são também relevantes.

Segundo Júnior et al. (2009), no papel social o trabalho assume funções na vida do indivíduo, o que influencia a construção da identidade, determina o lugar que o mesmo ocupa na sociedade de produção, é uma fonte de renda e também uma fonte de relacionamento interpessoal.

É de extrema importância destacar que o trabalho, por fazer parte da vida dos indivíduos torna-se um fator decisivo para o desenvolvimento humano, ocorrendo por meio dele uma construção na identidade do sujeito, fornecendo assim sentido à sua vida em sociedade e esses fatores apontam para a centralidade do trabalho para as pessoas.

O trabalho é vida, é a dignidade é vida. (E.1).

O trabalho representa tudo. (E.5).

Pra mim é tudo... Viver. Pra mim o trabalho é vida, é comunicação, é fazer amigos, usar a expressão, pra mim é viver, pra mim trabalhar é viver. (E.6).

O trabalho é tudo para qualquer ser humano, o trabalho é o que dignifica a pessoa o ser humano. (E.8).

O trabalho representa muita coisa, ele confunde com a vida da gente. (E.9).

O trabalho é e continuará central em face à construção da identidade e da saúde, da realização pessoal, da formação das relações entre os homens e mulheres, da evolução da convivência e da cultura (DEJOURS, 2004).

Como lado positivo os docentes relatam o contato com alunos e a grandeza que essa troca de contato traz para os mesmos.

A gente dá mais também a gente recebe, a gente aprende, a gente quando está numa sala de aula, a gente não só ensina, a gente não só leva, mas a gente traz conhecimento pra gente que onde dá o crescimento de uma pessoa que realmente perceba um profissional, que você receber vai te servir como aprendizado, então a gente aprende muito com o aluno. (E.4).

Clot (2006), afirma que a atividade de trabalho é dirigida, pois, não há atividade sem sujeito. Não é dirigida apenas pelo comportamento do sujeito, ou por meio do objeto da tarefa, mas também é dirigida ao outro. Sem o outro a atividade não faz sentido. Uma atividade será sempre resposta de outra atividade, como podemos observar na fala seguinte:

Eu acho que mais interessante é a curiosidade do aluno e em contra partida a possibilidade de a gente diante dessa curiosidade ampliar os horizontes dessa pessoa. (E.7).

Mas na relação de docência também existe limites, o que gera aspectos negativos do exercício da profissão, e esses aspectos negativos resultam em sofrimento nos mesmos.

Certa posição que a instituição toma na posição do trabalho, e que no fim você meio que sai se sentindo explorado, embora eu procure ocupar e aproveitar todos os espaços que eu posso de reivindicação, mas tem situações que você de fato se sente meio que explorado na condição de trabalhador, e isso é uma coisa difícil no trabalho (E.2).

Ter tempo para escrever artigos, que tenho um monte para escrever. (E.8).

Às vezes eu queria mais tempo, fazer como eu gostaria em todas as funções que eu ocupo eu não tenho tanto tempo. (E.9).

Para Clot (2001), o sofrimento é uma atividade contrariada, um desenvolvimento impedido. É uma amputação do poder de agir. O sofrimento não é unicamente definido pela dor física ou mental, mas “pela diminuição, ou mesmo pela destruição da capacidade de agir, do poder-fazer, sentida como um atentado à integridade de si” (CLOT, 2001 *apud* RICOUER, 1990, p.223). Essa grande demanda de carga horária dos docentes acaba impedindo os mesmos de desenvolverem outras atividades que, inclusive, são exigências atuais da carreira docente, como a questão da publicação.

Em termos de reconhecimento, alguns docentes relatam que o sentem ora pelos alunos, ora pela instituição e ainda por meio da sociedade.

Porque as pessoas acreditam no meu trabalho como educadora. (E.1).

Eu me sinto reconhecida nesse sentido, porque eu vejo fruto, assim, sempre sou chamada, sempre sou convidada, sempre sou citada como uma referencia em psicologia. (E.2).

Bem em função do carinho que os alunos me demonstram, em função da sociedade da qual eu vivo me trata e em função das homenagens que as instituições terminam por ocasionalmente me prestar. (E.7).

Segundo Dejours (1987), o reconhecimento pode ser uma mola propulsora para o desenvolvimento do trabalhador diante de suas atividades, ele pode transformar o que seria visto como um sofrimento para alguns em um prazer e realização para o trabalhador, só pelo fato dele ser reconhecido diante do trabalho desenvolvido.

O reconhecimento apresenta duas diferentes dimensões: no sentido de constatação e no sentido de gratidão. Reconhecimento no sentido de constatação é o reconhecimento da realidade que representa a contribuição individual, especifica a organização do trabalho, ou seja, a importância dada da organização diante do trabalho individual, o que podemos observar nas falas acima. O reconhecimento no sentido de gratidão pela contribuição dos trabalhadores à organização do trabalho, ou seja, dentro dessa realidade, esse reconhecimento partiria da instituição de ensino ao qual esses docentes desenvolvem suas atividades, e nesse aspecto eles não se sentem reconhecido.

Nesse sentido eu acho que a gente não é reconhecido pelo trabalho que a gente faz, porque a instituição muitas das vezes não dá esse retorno que seria necessário. (E.2).

No que se refere aos sentidos atribuídos para a aposentadoria, observa-se que a transição para a aposentadoria possui fases específicas apresentadas por Atchley (1999, apud MAGALHAES, 2004) em dois diferentes momentos. A pré-aposentadoria inclui dois momentos: a fase remota, na qual a aposentadoria é vista pelo indivíduo como um fenômeno positivo que ocorrerá “algum dia”; e a fase aproximada, na qual o indivíduo orienta-se em relação a uma data específica para sua aposentadoria. Durante a fase aproximada os indivíduos atentam para a iminência do desligamento do emprego e das situações sociais nas quais o papel profissional é exercido. Muitos relatam perceber mudanças na maneira pela qual são vistos pelos outros. Nesse período, frequentemente detalham fantasias sobre como acreditam que a aposentadoria será. Essas fantasias podem tanto ser antecipações realistas do

futuro, quanto totalmente irreais, ajudando ou prejudicando respectivamente a adaptação à aposentadoria (ATCHLEY, 1999 apud MAGALHAES, 2004).

A aposentadoria é deixar de fazer o que eu gosto e o medo de quando me aposentar não fazer mais isso. Então pra mim é isso (...) eu não consigo me imaginar sem ser uma pessoa que faz o que gosta, que produz, que ta na ativa, eu ainda tenho muito essa idéia que o aposentado é inativo e eu não quero está inativa, não porque ganho menos mas porque eu quero está fazendo alguma coisa que me de sentido. (E.2).

Aparentemente eu tinha esse sonho, só pensava em me aposentar, hoje sinto um peso, mas não sei nem explicar, é como um fim dá uma sensação de final, talvez porque estou se perspectiva do que vou fazer então não é uma posição satisfatória (...) trabalhou até hoje e parou, parece morrer entendeu. eu acho isso ai é quase como um luto. é você parar no tempo. (E.4).

O período da aposentadoria não é a causa de todos os problemas ocorridos, segundo Romanini et al. (2005), mas é o período de mudança em um momento crucial na vida das pessoas: o envelhecimento. Tal fenômeno é irreversível e inevitável, por tal motivo provoca angústia e questionamento sobre o fim da existência.

A idéia do trabalho como formador de identidade coloca a aposentadoria como encerramento dos vínculos empregatícios, como uma morte. Parar de trabalhar significa perder uma identidade. E mais, a visão do trabalho é positiva e a aposentadoria, ou não trabalho, representa uma passagem para a solidão e o tédio (MOREIRA, 2011).

A minha preocupação é essa, em me aposentar e não suportar essa vida ociosa porque é ociosa não é, levantar e deitar e fazer a mesma coisa, aqui a gente vem e trabalha e conversa, faz uma coisa e faz outra, né, a minha preocupação está sendo esta, quando eu penso na aposentadoria, né, é ficar, entrar num tédio, naquele tédio de não ter o que fazer. (E.5).

Eu acho que é parar no tempo e no espaço, se não tiver outra atividade, porque se tiver uma atividade domestica é parar no tempo e no espaço, ai vem às consequências, entre ela a depressão (E.6).

Para os entrevistados a aposentadoria representa algo que virá junto a alguns sofrimentos, como a inutilidade, a solidão, o medo. Acerca do sofrimento, Clot (2001) cita as idéias de Ricoeur (1990), para o qual o sofrimento não é definido apenas pela dor física ou mental, mas também pela redução, ou mesmo pela destruição da capacidade de agir, do poder-fazer, sentida como um atentado à integridade de si (RICOEUR, 1990 apud CLOT, 2001).

Enriquez (1999, apud VIANA, 2008) chama atenção para as consequências da falta de trabalho sobre os indivíduos. Segundo o autor, sabe-se que sua perda provoca uma ferida profunda na identidade das pessoas, cooperando para a desagregação de suas personalidades. Por se tratar, muitas vezes, do centro da vida do trabalhador, sua perda gera danos no sentido de vida, o trabalho como centro pode ser uma afirmação da autoestima.

No tocante à permanência no trabalho, pode-se perceber que todos os entrevistados que já estão em total condição de se aposentar, não a buscaram por se sentirem ainda capacitados para desenvolver suas atividades docentes.

É me sentir ainda capaz, produtiva, gostar do que eu faço me identificar bastante com o que eu faço, (...) Então o que me faz continuar trabalhando é gostar do que eu faço e me sentir inserida nesse contexto do trabalho. (E.2).

Para os mesmos parar de trabalhar significa se sentir incapaz de realizar suas funções significa se desligar de algo que há muito tempo faz parte de suas vidas. Desta forma, o trabalho mais uma vez se mostra central na vida dessas pessoas, pois é através dele que eles se sentem ativos, vivos. É o trabalho o responsável pelas relações interpessoais. E isso é confirmado através de algumas falas explanadas a seguir:

Porque eu não consegui ainda me desgarrar daqui. Eu amo isso aqui, é minha vida. (E.3).

Viver, pra mim o trabalho é vida, é comunicação, é fazer amigos, usar a expressão, pra mim é viver, pra mim trabalhar é viver. (E.6).

Dado a centralidade do trabalho na vida das pessoas, a aposentadoria e o rompimento com o emprego pode ser considerado uma das mais importantes perdas da vida social. Em muitos casos, o aposentado foi ligado ao ócio e à inutilidade, causando, assim, no mesmo, um sentido de rejeição, afetando, inclusive, o psicológico dessas pessoas.

Mas essa realidade está mudando, quando percebemos que os idosos da atualidade, em muitos casos, são ativos não só em seus empregos, mas também em, suas vidas pessoais, buscando um modo de serem vistos diferentes pela sociedade, pois mesmo tendo uma maior idade, sentem produtivos e capazes.

Quanto às expectativas para a aposentadoria, de acordo com Carlos et al. (1999, p. 84) o processo de rompimento com a lógica do trabalho formal coincide com o aumento do fator idade e, com muita frequência, com o aparecimento de doenças. Embora nestes casos se apresente uma justificativa social para a ausência de trabalho, por outro lado, perdas de ordem física, psicológica e social concomitantes tornam a decisão difícil ou ambivalente.

Quando a gente passa muito tempo no mesmo espaço a gente cria algumas raízes e se limita né, então quero outros espaços, outra cidade, fazer outras coisas ou até fazer o que eu sei mesmo educação, mas, com menos exigências que eu faça mais também tenha meu espaço de vida. (E.1).

Rodrigues et al. (2005) afirmam que o modo de enfrentamento diante da necessidade de reestruturação da vida pode variar de indivíduo para indivíduo. Porém, com a autoconfiança diminuída e com um baixo grau de planejamento de vida pós-aposentadoria, além de preocupações financeiras e com a saúde, o período que antecede a aposentadoria pode vir a ser enfrentado com ansiedade e desencadear desequilíbrios tanto no aposentado como na estruturação de sua família e de seus demais vínculos.

A minha expectativa é de não ficar em casa, Deus me livre. (E.6).

Sobre profissão não, eu já disse não vou ficar em casa, vou aprender a pintar, fazer crochê, ficar tranca eu não vou. Minha expectativa é essa mesmo, descansar um pouco e depois partir para os trabalhos manuais se der, ocupar a mente, ocupar o tempo. (E.5).

As consequências negativas mais imediatas provocadas pela aposentadoria são a diminuição sensível da renda familiar, a ansiedade frente ao vazio deixado pelo trabalho e o aumento na frequência de consultas médicas. Muitos gostam do que fazem, da empresa e/ou das relações sociais mantidas, e não querem se aposentar. Outros querem se aposentar, mas desejariam continuar com uma atividade profissional. Outros querem realmente parar de trabalhar, mas não têm planos sobre o que fazer após a aposentadoria. Pode existir ainda certa euforia que leva algumas pessoas a dizer que irão realizar vários projetos, mas dificilmente elas saberão detalhar seus desejos na hora de se aposentar (FRANÇA, 1999).

Ser professor aposentado para os entrevistados tem um sentido de não utilidade, para alguns dos entrevistados representa ser esquecido, visto que deixarão de frequentar as salas de aula e assim deixarão de ser os portadores de saberes para os demais.

Assim, professor aposentado vai cair no esquecimento. (E.3).

Eu vejo um final, parou, encerrou, não é uma coisa cômoda não, como um terminal mesmo e talvez eu não queira isso, não quero terminar, não quero concluir. (E.4).

É uma pessoa esquecida, esquecida mesmo. (E.5).

Seria um professor que muito possivelmente ainda em uma idade extremamente produtiva, poderia ser mutilado nessa capacidade que a ele ainda assistiria no tocante a ministrar ou a distribuir, entregar a terceiros esses conhecimentos que ele ainda possui. (E.7).

A aposentadoria representa um final o que não é uma situação cômoda para quem já estava acostumado a uma rotina. O retardamento desse momento na vida desses profissionais acaba se dando pelo medo de se tornar um alguém que mesmo estando em idade produtiva,

acabará sendo esquecido pelos demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um estudo mais detalhado sobre o fenômeno do trabalho e da aposentadoria, na ótica da psicologia do trabalho, traremos aqui algumas considerações que foram construídas a partir dos objetivos que foram pensados a princípio.

Diante do que foi pesquisado e observado durante o desenvolvimento da pesquisa, podemos concluir que no Brasil faz-se necessário uma maior preocupação por parte do sistema público e privado em pensar políticas e programas que auxiliem o idoso no processo de escolha pela aposentadoria e na construção de projetos para que este os materialize ao concluir seu período laboral.

Precisa-se desmistificar o pensamento que os trabalhadores trazem acerca da aposentadoria, o de inutilidade, de ócio, de esquecimento, e que acaba por gerar nos sujeitos uma série de angústias e incertezas. Pois, como foi discutido anteriormente, muitos aposentados enxergam a aposentadoria como a morte, visto que toda sua vida sempre girou em torno do trabalho e que eles não tiveram uma preparação para esse momento de suas vidas.

Identificamos que a maioria dos participantes não tinha o magistério como sua primeira opção, mas dadas as circunstâncias pessoais e sociais da época acabaram ingressando no meio acadêmico e lá permanecendo até os dias atuais. Os dados também mostraram que todos eles ocuparam cargos administrativos nos seus departamentos ao longo da carreira, o que mostrou um maior envolvimento do trabalho enquanto docente. Observamos também que eles buscaram aprofundar seus conhecimentos buscando especializações, mestrado e/ou doutorado.

No tocante às expectativas desses professores em relação à aposentadoria, podemos identificar que eles não pensavam muito a respeito, pois, por mais que estejam em vias da aposentadoria, os mesmos ainda sentem-se ativos e não querem deixar seu campo de trabalho. Outra questão que pode ser pensada em torno dessa falta de expectativas é que todo o estigma e os temores que os professores possuem em torno da aposentadoria, fazem com que eles adiem os planos para a mesma o máximo que possam. Todavia, esse tipo de comportamento pode não ser de todo benéfico aos mesmos, pois esse adiamento pode terminar na completa falta de preparação e projetos quando diante da necessidade iminente de se aposentar.

Mesmo assim quando questionados a respeito das expectativas todos concordaram em

um ponto, nenhum deles que ficar parado em casa, todos se sentem produtivos e pretendem buscar novas formas de produzir, seja ela em outras instituições, em outros campos, ou em outras funções, desde que ainda permaneçam ativos.

Identificamos ainda que o trabalho vai bem além do que eles fazem ou de suas carreiras e que o mesmo ocupa uma posição central na vida dessas pessoas, visto que ele traz consigo uma função de pertença social desses indivíduos, comprovando a abordagem Clínica da Atividade, que afirma que o trabalho exerce uma função central na vida do homem.

Com relação aos motivos para permanência no trabalho, como já foi destacado acima, esses professores permanecem na ativa por se sentirem produtivos, por sentirem que apesar da idade ou do tempo de serviço, ainda são pessoas que tem muito a acrescentar ao dirigir suas atividades para os outros. Eles continuam se sentindo capazes de desenvolver e desempenhar bem suas funções, como também enxergam o seu trabalho como parte de suas vidas e tirar essa parte para muitos seria como tirar tudo, significa morrer, ou seja, para tais pessoas a permanência na atividade significa permanecer vivo, se sentir vivo.

Portanto analisando o sentido do trabalho e da aposentadoria para professores de ensino superior que já tenham cumprido os requisitos para a aposentadoria pode-se verificar que o trabalho na vida dessas pessoas significa “viver” e que a aposentadoria significa “morrer”, ou seja, quando esses trabalhadores se vêem na ativa eles se sentem vivos, pois nos seus ambientes de trabalho que estão a maior parte dos seus amigos; é o ambiente em que eles passam grande parte dos seus dias; é nesse mesmo ambiente onde existe a interação social, é nesse local onde eles se sentem úteis aos outros e até a si próprios. Quando fala-se em morrer, significa dizer que muitos temem o esquecimento, o afastamento do meio social, a perda dos contatos e isso traz consigo uma grande perda que para alguns foi visto como a morte.

Dentro da perspectiva das clínicas do trabalho, do compreender para transformar, faz-se necessário pontuar que esse entendimento acerca do trabalho e da aposentadoria não pode se restringir apenas ao meio acadêmico. É preciso a criação de políticas públicas e privadas que tenham um olhar diferenciado para esse momento da vida do trabalhador, que em todos os campos de trabalho possam haver debates com essa temática, sabendo-se que não é tão fácil se desligar, pois, grande parte de sua vida foi dedicada aquela atividade, fazendo com que exista uma novo pensar acerca do conceito e da vivência da aposentadoria.

Para a Psicologia do Trabalho e Organizacional, fica a contribuição de entender o trabalho como parte fundamental da vida do homem e que a perda dessa atividade, ou o pensar essa perda, pode causar problemas psicológicos que afetem o seu desempenho no seu trabalho e assim possa também melhorar a qualidade de vida desses trabalhadores.

Os dados também apontam que outros artigos podem se aprofundar em aspectos que não tivemos a oportunidade de nos aprofundar como, por exemplo, a influência da família nesse processo de aposentadoria; o fator financeiro; e em outros campos de trabalho também, como setores privados, onde há uma grande rotatividade de funcionários.

Partindo dessa análise dados, podemos ressaltar que essas discussões prosseguirão, mesmo com o fim da apresentação desse trabalho, trazendo para o homem um novo modo de pensar e discutir o trabalho e a aposentadoria; para a sociedade a criação de políticas públicas; para os idosos a efetivação dos seus direitos; e para o enriquecimento da psicologia do trabalho para que haja um amadurecimento e uma consolidação a respeito dessa temática tão atual e importante.

ABSTRACT

Through work man modifies and transforms the world, at the same time he transforms and humanizes himself. As a result, it is possible to realize the importance that work has in man's life, thus emphasizing the centrality of it. Retirement, in this scenario, is placed as a horizon of fears and "inactivity". This research aims to analyze the meaning of work and the retirement to university professors who have already met the requirements for retirement. The study included nine professors of a public university in the city of Campina Grande, PB, who had already met the requirements for retirement, but who are still performing their teaching duties. A semi-structured research was used as instrument for data collection and it was analyzed through content analysis. Regarding the results, it was observed that the work has a sense of centrality in these professors' lives, and as for retirement, there is fear for most professors to retire, as many professors relate retirement to death and oblivion, and other professors still relate it to inactivity and loss, which comes to confirm the meaning of work in their lives.

KEYWORDS: Retirement, work, university professors.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, T. de; LOURENCO, M. L.. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade. **Rev. Bras. Geriatr Gerontol.** Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2007. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232007000100008&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 09 fev. 2013.

ANJOS, D. D. dos; MAGRO, R. S. A função psicológica do trabalho. **Pro-Posições** [online]. 2008, vol.19, n.1, pp. 221-224. ISSN 0103-7307. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072008000100023&script=sci_arttext> acesso em 17 mai. 2013.

CARLOS, Sergio Antonio; JACQUES, Maria da Graça Correa; LARRATÉA, Sandra Vieira; HEREDIA, Olga Collinet. Identidade, aposentadoria e terceira idade. **Est. Interdiscipl. Envelhec.**, Porto Alegre, v. 1, p. 77-89, 1999.

CARVALHO, A. C. de. **Contribuições da Clínica da Atividade na Investigação do Letramento Escolar**. Disponível em:

<<http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/4sepla/artigos/Adriana%20Cintra%20de%20CARVALHO.pdf>>. Acesso em 17 maio 2013.

CLOT, Y. Clínica do trabalho, clínica do real. **Publicado no Le journal des psychologues**, nº 185, mars 2001.

_____. **A função da psicologia do trabalho**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

_____. Clínica da Atividade e Psicopatologia do Trabalho. In: _____ **Trabalho e poder de agir**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

_____. Clínica do Trabalho e Clínica da Atividade. In: BENDASSOLLI, P. F; SOBOLL, L. A. P. org. **Clínicas da Atividade**. São Paulo: Atlas, 2011. p.71-82

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1987

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34, set./dez, 2004.

_____, Caderno de TTO, 2 – Avaliação do trabalho submetida à prova do real/ Christophe Dejourns; organizadores: Laerte Idal Sznelwar, Fausto Leopoldo Mascia; revisão técnica científica: Laerte Idal Sznelwar – São Paulo: Blucher, 2008.

_____, O trabalho como enigma. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L.I. (orgs.) (2011). **Christophe Dejourns: Da Psicopatologia à Psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15/ Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. p. 151-166.

DIAS, J.; FREIRE, L. Diversidade - Avanço Conceitual para a Educação Profissional e o Trabalho – **Ensaio e Reflexões** - Brasília : OIT , 2002.

FOLLE, A; NASCIMENTO, J. V. do. Estudos sobre desenvolvimento profissional: da escolha à ruptura da carreira docente. **R. da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 19, n. 4, p. 605-618, 4. trim. 2008

FRANÇA, L. Preparação para a Aposentadoria: Desafios a Enfrentar. In: VERAS, R. (Org.) **Terceira Idade: Alternativas para uma sociedade em transição**. Editora Relume Dumará/UnATI - 1999.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. **Da fala do outro ao texto negociado**: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia, 2004, vol. 14, nº 28, p.139 -152.

GERNET, I.; DEJOURS, C. Avaliação do trabalho e reconhecimento. In: BENDASSOLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. **Clínicas do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 61-70.

HOPF, A. C. O. Fico Ou Vou Embora? - Os Sentimentos Expressos Por Professores Diante da Aposentadoria. **R. da Educação Física/UEM** Maringá, v. 13, n. 2 p. 89-96, 2. sem. 2002. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewFile/3661/2528>>. Acessos 20 fev 2013

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 23 de Jan. de 2013

JÚNIOR, E. G.; MERGULHÃO, L. R.; CANÊO, L. C.; NAJM, M. B.; LUNARDELLI, M. C. F. Considerações sobre a terceira idade e o mercado de trabalho: questionamentos e possibilidades. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 6, n. 3, p. 429-437, set./dez. 2009.

LAVILLE, C. Em busca de informações. In: LAVILLE, C; DIONNE, J. **Construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. — Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ 1999.

LEDA, Denise Bessa. Trabalho docente no ensino superior sob o contexto das Relações sociais capitalistas. **GT: Política de Educação Superior** / n.11. 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT11-1979--Int.pdf>>. Acesso: 21 mar. 2013

LIMA, M. E. A. Resenha do livro A função psicológica do trabalho de Yves Clot. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2006, vol. 9, n. 2, pp. 109-114.

MAGALHAES, Mauro de Oliveira et al . Padrões de ajustamento na aposentadoria. **Aletheia**, Canoas, n. 19, jun. 2004 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942004000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 mar. 2013.

MELO, M. M. R. de; VALLE, I. R. Professoras Catarinenses: razões para escolher e permanecer na carreira. **Rev. bras. hist. educ.**, Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30), p. 199-228, set./dez. 2012

MOREIRA, J. de O. Imaginários sobre aposentadoria, trabalho, velhice: estudo de caso com professores universitários. **Psicol. estud.** [online]. 2011, vol.16, n.4, pp. 541-550. ISSN 1413-7372.

OLIVEIRA, D. R. de. A centralidade do trabalho na Contemporaneidade. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v.4, n.1, 2008.

PAZ, S. Trabalho na velhice: uma relação possível? In: DIAS, J; FREIRE, L. **Diversidade: avanço conceitual para a educação profissional e o trabalho**. Organização Internacional do Trabalho. 2002

RODRIGUES, M.; AYABE, N.; LUNARDELLI, M. C. F.; CANEO, L. C.. A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a essa questão. **Rev. bras. orientac. prof** [online]. 2005, vol.6, n.1, pp. 53-62. ISSN 1679-3390.

ROMANINI, D. P.; XAVIER, A. A. de P.; KOVALESKI, J. L. Aposentadoria: Período De Transformações E Preparação. **Revista Gestão Industrial**. v. 01, n. 03 : pp.081-100, 2005. ISSN 1808-0448.

SANTOS, M. Apresentação de Obras Análise psicológica do trabalho: dos conceitos aos métodos. **Laboreal**. 2006, Volume II, nº1, pp. 34-41.

SILVA, C. O. da; BARROS, M. E. B. de; LOUZADA, A. P. . Clínica da Atividade: dos conceitos às apropriações no Brasil. In: In: BENDASSOLLI, P. F; SOBOLL, L. A. P. org. **Clínicas da Atividade**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 189 – 205.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. **Trabalho e Ergologia: conversa sobre a atividade humana**/ Organização de Yves Schwartz e Louis Durrive tradução de Jussara Brito e Milton Athayde ... [et al]. Niterói, 2007.

VALLE, I. R. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? **Revista Brasileira de Estudos Pedagogógicos**, Brasília, DF, v. 87, n. 216, p. 178-187, maio/ago. 2006.

VANZELLA, E.; NETO, E. de A. L.; SILVA, C. C. da. A terceira idade e o mercado de trabalho. **Revista Brasileira de Ciências da saúde**. v.14, n. 2, p 97 -100, 2011.

VIANA, Eliete Augusta de Souza. **Sentido do trabalho**: discurso dos trabalhadores de uma organização do terceiro setor em Belo Horizonte. / Eliete Augusta de Souza Viana. – Belo Horizonte: FNH, 2008.